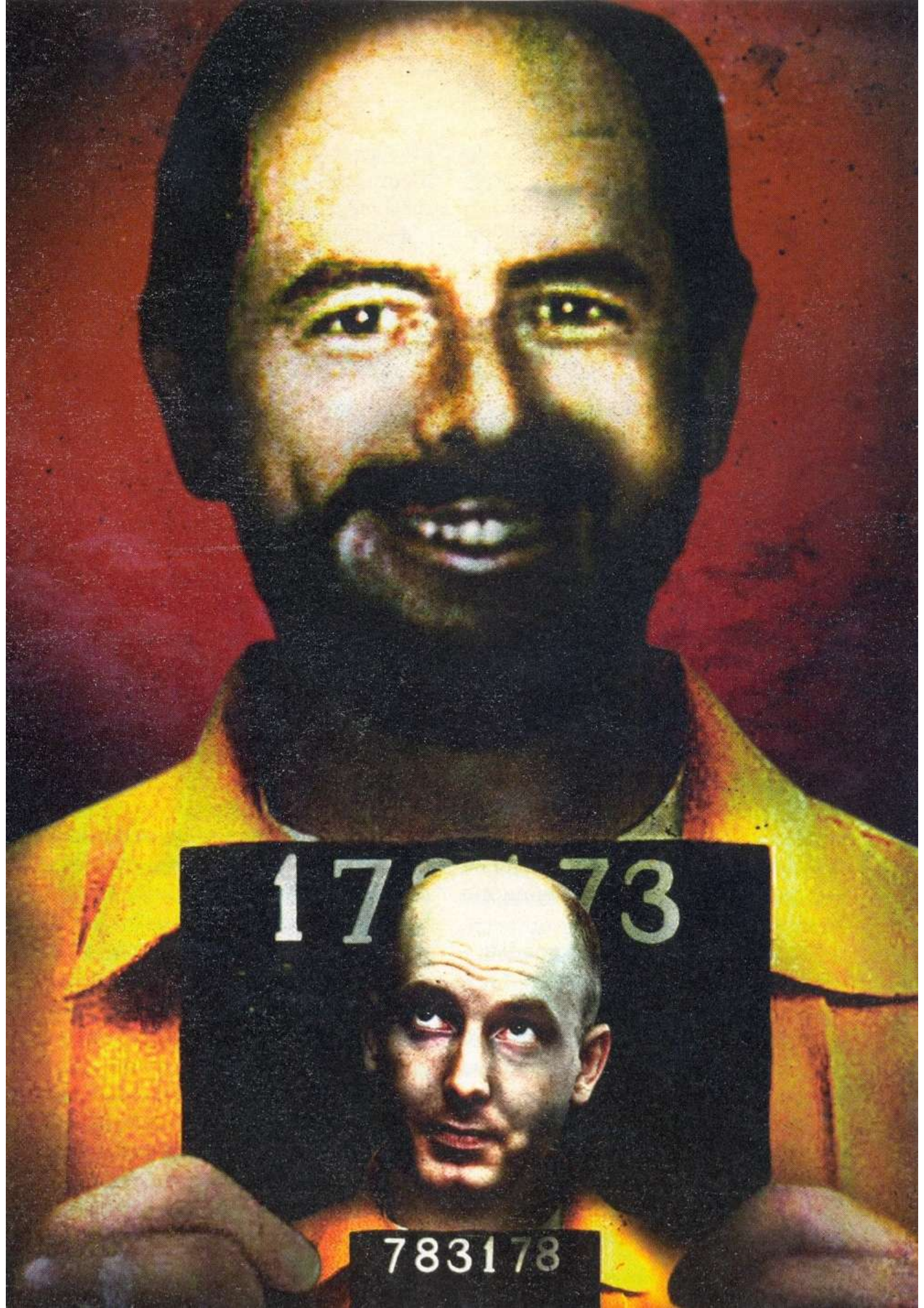


# FILHO ESPIONÃO

Nathan Nicholson se recusou a acreditar que o pai era traidor, mesmo depois que ele confessou e foi preso. Então, certo dia, o pai lhe pediu que levasse uma mensagem aos russos, e Nathan descobriu que também tinha jeito para a espionagem

PO R BRYAN DENSON

DO *The Oregonian*



178173

783178



**m Chipre,** Nathan Nicholson saiu andando de um hotel Hilton de mapa na mão, parecendo apenas mais um turista americano ansioso para se encantar

com a ilha mediterrânea. Mas aquela não era uma excursão turística. O rapaz de Eugene, no estado americano do Oregon, estava tão empolgado para se encontrar com o espião russo que conhecia como George que chegara uma hora antes do encontro na calçada.

Como George instruíra, Nathan segurava a mochila na mão direita e usava o boné cáqui que o russo lhe dera no encontro anterior em Lima, no Peru.

Exatamente às sete da noite, Nathan avistou o espião grisalho vindo pela calçada. Esperou que George falasse.

– Pode me mostrar onde fica o correio federal? – Como sempre, o inglês de George era excelente.

Nathan ergueu o mapa. Sentiu-se ridículo recitando a sua parte do diálogo ensaiado. Tinham se encontrado pessoalmente três vezes, e ambos sabiam por que estavam ali. Mas não queria desapontar George.

– Deve ficar por aqui – respondeu. – Posso lhe mostrar o caminho.

Logo, Nathan estava deitado no banco de trás de um sedã estrangeiro com dois russos tagarelando na sua língua natal enquanto sacolejavam pelas ruas antigas até uma garagem subterrânea.

---

Bryan Denson, premiado repórter investigativo, acompanha o caso dos Nicholsons desde que foram presos, em janeiro de 2009.

Lá, George o levou por uma escada estreita até uma sala com paredes grossas. Nathan entregou um documento de seis páginas manuscritas e recebeu 12 mil dólares americanos em notas de 100. Os dois combinaram se encontrar dali a um ano em Bratislava, na Eslováquia.

De volta ao hotel, Nathan pagou a conta e foi para o aeroporto. O avião pousou em Portland em 15 de dezembro de 2008, bem cedinho, e ele voltou para Eugene enquanto, como um lençol, a neve cobria as partes altas do Vale de Willamette.

Ele chegou ao seu apartamento às três e meia da madrugada e enfiou o dinheiro na mesinha de cabeceira. Então, caiu no delírio confuso que só os que voaram meio mundo na classe econômica conhecem.

Às 13h20, batidas fortes o acordaram de repente. Ele saiu da cama aos tropeços e deu com dois agentes do FBI à porta.

**A visão dos agentes ali levou** Nathan de volta para 12 anos atrás, num dos dias mais duros da sua vida – um sábado gelado de novembro no norte da Virgínia, em 1996, quando dois adultos muito sérios foram até a sua casa e bateram à porta. Apresentaram mandados de busca e apreensão e declararam que o pai de Nathan – Jim Nicholson, cujo apelido na CIA era Batman – fora preso por espionagem.

A CIA descobrira que Jim passara a metade da década de 1990 vendendo segredos americanos a espiões russos, de Cingapura à Suíça. O agente ame-



**Nathan Nicholson, hoje com 27 anos, arriscou-se a ser preso quando planejou com o pai passar aos russos informações sobre os métodos da CIA. “Ele era o meu herói.”**

ricano de relógio Rolex, terno sob medida e uma pistola Glock calibre .40 entregara documentos secretos, inclusive a identidade de treinandos da CIA, alguns dos quais tinham sido seus alunos. Jim era o agente da CIA de posto mais alto a ser condenado por espionagem, e as suas inconfidências forçaram a agência a cancelar operações delicadas e tirar de campo espões treinadíssimos.

Nathan, então com 12 anos, sentiu que perdia o pai que mal começara a conhecer, pois o serviço na CIA o mantivera longe de casa durante longos períodos. Mas tudo mudou depois que os pais se separaram e Jim ficou com a guarda dos três filhos – o caçula Nathan, o irmão Jeremi e a irmã Star. Jim finalmente começava a equilibrar a carreira com o papel de pai, conselheiro dos escoteiros, treinador de futebol e motorista. Mas agora não voltaria para casa.

Três meses depois da prisão, em troca de uma pena de prisão mais curta, Jim se declarou culpado de conspiração para espionar. Permittiram que cumprisse a pena no Oregon, para onde os filhos tinham se mudado.

O ex-agente da CIA disse a um oficial de justiça que esperava dar aos filhos um bom exemplo antes de morrer.

**Jim chegou à penitenciária** de Sheridan em julho de 1997, uma semana antes do 13º aniversário de Nathan. Alguns meses depois, sentou-se com os filhos para esclarecer o seu crime.

Em voz baixa, com o queixo quase encostado no peito, admitiu ter mesmo vendido aos russos segredos americanos. Nathan se recorda das palavras do pai: “Eu só queria ajudar vocês, crianças.” Os três filhos abraçaram o pai e, brincando, aconselharam-no a não repetir a dose. Nos anos seguintes, passariam centenas de horas na sala de

visita da penitenciária, dividindo com o pai os altos e baixos da adolescência e do início da vida adulta: problemas com o carro, interesses amorosos, crédito educativo.

Mas as palavras de Jim naquele fim de semana ficaram na cabeça de Nathan durante muito tempo. O rapaz se convencera de que o governo pressionara o pai e o forçara a confessar até aos filhos que era um vira-casaca. E decidiu não acreditar em nada daquilo.

**Jim confidenciou a um preso** do seu círculo de orações que se sentia um fracasso por causa das dificuldades financeiras dos filhos. Em meados de 2006, Jeremi ainda se esforçava para pagar o crédito educativo com o salário de piloto da Força Aérea. Star tinha problemas com o carro e devia 50 mil dólares de crédito educativo. Nathan tinha dificuldade para pagar aluguel, carro e cartão de crédito.

Certo dia, com Nathan sentado ombro a ombro com o pai na sala de visita da penitenciária, Jim disse que tinha um plano.

Sussurrou a Nathan que os velhos amigos de Moscou podiam lhes dar ajuda financeira. Jim imaginou que, se perdera a liberdade ajudando a Federação Russa, seria justo que os russos ajudassem os seus filhos enquanto estava preso. O plano de Jim era passar mensagens a Nathan, que as levaria ao consulado russo. “É perigoso”, avisou ao filho.

Nathan sabia que os dias do pai na CIA eram cheios dessas tramas e mal podia esperar para provar a sua cora-

gem. Jim descreveu os dias que viriam como arriscados mas não ilegais – e Nathan acreditou.

Em 13 de outubro de 2006, por volta das dez da manhã, Nathan entrou no consulado russo de São Francisco e passou o bilhete de apresentação do pai a uma recepcionista. Ela o leu devagar, pediu-lhe que se sentasse e se afastou.

Uma hora depois, ele se encontrou com um homem de bigode e forte sotaque russo, que claramente duvidava que ele fosse filho do ex-agente da CIA. Ainda assim, mandou que voltasse dali a duas semanas.

Em 27 de outubro, Nathan voltou. Quando entrou no consulado russo, o seu contato bigodudo era outro homem. Abraçou Nathan, perguntou-lhe sobre a família e mandou que o chamasse de Mike.

Mais tarde, o FBI identificaria Mike como Mikhail I. Gorbunov, diplomata russo lotado em São Francisco. Gorbunov entregou a Nathan um saco de papel pardo com 5 mil dólares e lhe deu o endereço da embaixada russa na Cidade do México, onde encontraria um novo contato dali a seis semanas.

Nathan mal podia acreditar na sorte; o plano do pai realmente dera certo. Na viagem de volta a Eugene, o celular de Nathan tocou. Era Jim. Queria saber se o rapaz estava descansado para a longa viagem de volta. Nathan exclamou que tinha boas notícias. “Fiz uma venda por 5 mil”, disse.

Contou também que talvez fosse para o México. Sub-repticiamente, usando guardanapos de papel que pegara para os lanches que comprava

“George”, contato de Nathan, era Vasiliy V. Fedotov, ex-general da KGB expulso dos EUA na época da guerra fria.

*Greetings from*

**CYPRUS**



**UNITED STATES  
DEPARTMENT OF STATE  
Tax Exemption Card**

MISSION OF  
USSR

DATE OF BIRTH  
01/12/36

EYE COLOR  
GRAY

HAIR COLOR  
BROWN

WEIGHT  
145

HEIGHT  
506

SEX  
M

NAME  
FEDOTOV, VASILIIY VASILYEVICH

SEE REVERSE FOR EXEMPTION INFORMATION

*Island of Aphrodite*



para o pai, Nathan contornou as regras da penitenciária que proibiam a troca de bilhetes na sala de visita. Na viagem para a Cidade do México, no fim de 2006, levava consigo dois bilhetes do pai escritos em guardanapos de papel.

O seu novo anfitrião na Cidade do México apresentou-se como George e perguntou como iam o pai e as dívidas da família. Informou a Nathan que os russos estavam ali para ajudar.

Nathan entregou a George os dois bilhetes. Jim pedia dinheiro para a família e dizia aos russos que ajudaria no que pudesse. George deu uma missão a Nathan. Queria saber do pai detalhes sobre a sua prisão em 1996, inclusive a identidade dos agentes do FBI que o haviam interrogado e o nome de um perito em polígrafo (“detetor de mentiras”) da CIA. George também queria saber

quando Jim suspeitara pela primeira vez estar sob vigilância e quando fora recusado para o cargo de chefe de posto na Etiópia.

Nathan rabiscou tudo num caderninho enquanto George sacudia 10 mil dólares em notas de 100. George terminou a reunião marcando outra no mesmo lugar, no mês de julho seguinte.

A fé de Nathan no pai estava dando certo. Havia o suficiente para consertar o carro de Star, mandar dinheiro para o irmão mais velho e pagar dívidas suas – tudo a tempo para o Natal. “Fiquei me sentindo um Papai Noel secreto”, recorda.

**Pouco antes do Natal**, Nathan relatou a viagem ao pai. O ex-espião disse ao filho que tivera desempenho melhor do que alguns treinandos da CIA a quem dera aulas. Nathan, feliz com os

**PROIBIDO DE SE  
COMUNICAR  
COM O PAI,  
NATHAN  
PREPAROU-SE  
PARA SER  
TESTEMUNHA.  
“EM ESSÊNCIA,  
EU TINHA DE  
CRUCIFICÁ-LO.”**

elogios, começava a se sentir como o Robin do Batman de Jim. “Você teve coragem suficiente para entrar nesse novo mundo invisível que às vezes é perigoso mas sempre fascinante”, escreveu Jim mais tarde ao filho. “Deus nos guia nas nossas maiores aventuras. Continue olhando pelos seus novos olhos.” Nathan estava empolgadíssimo por trabalhar como o garoto espião do pai.

Em julho de 2007, Nathan voltou à Cidade do México e entregou a George as últimas anotações de Jim, com o nome de um perito em polígrafo do governo e a descrição dos agentes do FBI que o haviam interrogado. E embolsou 10 mil dólares.

**Os agentes liam a** correspondência de Jim havia anos. Nessa época, perceberam um tom suspeito nas cartas a Nathan e obtiveram permissão do Tribunal de Vigilância de Informações Estrangeiras, em Washington,

para ficar de olho no jovem espião. Em outubro de 2007, o FBI revistou o apartamento de Nathan em Eugene e copiou pilhas de fotos e documentos e os discos rígidos dos seus computadores. Em 10 de dezembro, ainda testavam um monitor GPS que tinham instalado no Chevy Cavalier do rapaz quando o aparelho mostrou o carro estacionado no aeroporto de Portland. Souberam que Nathan embarcara num avião para Lima e voltaria via Houston. Após o pouso do avião, Jared Garth, supervisor da investigação dos Nicholsons, pediu a um agente da Alfândega e Proteção das Fronteiras que separasse Nathan do grupo de passageiros. Enquanto Garth observava, o agente revistou a mochila de Nathan e tirou uma câmera, milhares de dólares e – o mais importante – um caderno. Nathan ficou morrendo de medo ao ver o caderno sumir na sala ao lado. Nas suas 160 páginas, ele anotara as perguntas dos russos e outros itens que certamente despertariam suspeitas, inclusive o seu codinome, Dick, e o endereço do consulado russo em Lima. Na outra sala, Garth copiou tudo o que estava no caderno. Uma hora depois, Nathan foi liberado. E correu para o portão como um garoto fugindo da polícia.

Nathan começou a se preocupar. Os encontros com os russos pareciam errados, talvez até ilegais, mas ele queria acreditar que o pai não o envolveria num crime. Assim, continuou, confirmando o próximo encontro com George em Chipre – o quarto que teria com o espião russo nos últimos dois anos.



**m 15 de dezembro** de 2008, Nathan saiu da cama se arrastando, as pernas pesadas com o *jet lag*. Abriu a porta e encontrou Jared Garth e o parceiro,

o agente especial John Cooney, que se apresentaram como agentes do FBI que precisavam de ajuda numa investigação.

Os agentes fizeram Nathan falar sobre si mesmo e depois lhe perguntaram sobre as viagens ao exterior.

Nathan, que servira três anos no exército, obsequiou-os com uma série de mentiras espetaculares: poupava o que recebia como veterano para viajar para os três continentes. Encontrara colegas do exército. Conhecera a arquitetura local. Até procurara lugares para pedir a namorada em casamento. Cooney, operador oficial de polígrafo, deixou Nathan falar durante quase duas horas antes de lhe recordar que é ilegal mentir para um agente federal e que o FBI sabia mais sobre as suas viagens do que ele dizia. Cooney, usando terminologia do golfe, disse a Nathan que ele errara algumas vezes e que agora teria direito a um único "*mulligan*", ou segunda chance.

Nathan passara meses com medo desse dia. Ele diz que os temores lhe provocaram úlceras e períodos de desorientação. Aceitou o *mulligan*.

Sentiu-se péssimo envolvendo o pai na trama, mas tinha um fiapo de esperança de que o velho estivesse certo: repassar os bilhetes para os russos e aceitar dinheiro não era ilegal.

Nathan assinou uma confissão enquanto uma equipe do FBI revistava o apartamento. Perguntou se os agentes iam prendê-lo.

"Hoje, não", respondeu Garth.

Naquele mesmo dia, os agentes Scott Jensen e Tony Buckmeier, do FBI, reuniram-se com Jim Nicholson na penitenciária federal de Sheridan. Jensen, conhecido pelo humor sarcástico, começou deixando um cartão-postal na mesa com grandes letras amarelas: "Saudações de Chipre". Disse ao suspeito que o FBI sabia tudo sobre as viagens de Nathan.

O ex-agente da CIA lhes disse que, se queriam envolver o filho num crime, exigiria um advogado. Assim, os agentes encerraram a conversa.

Jim foi mandado para a unidade solitária, conhecida como "buraco", durante 23 horas por dia. Proibiram-no de se comunicar com Nathan. E 764 dias se passariam antes que voltasse a pôr os olhos no filho.

Depois que o FBI foi embora, Nathan verificou o celular. Havia mensagens dos primos, da mãe, do irmão e da irmã, todos entrevistados pelo FBI e preocupadíssimos com ele. Nathan ligou para Star.

- O que houve com o FBI? - perguntou ela.

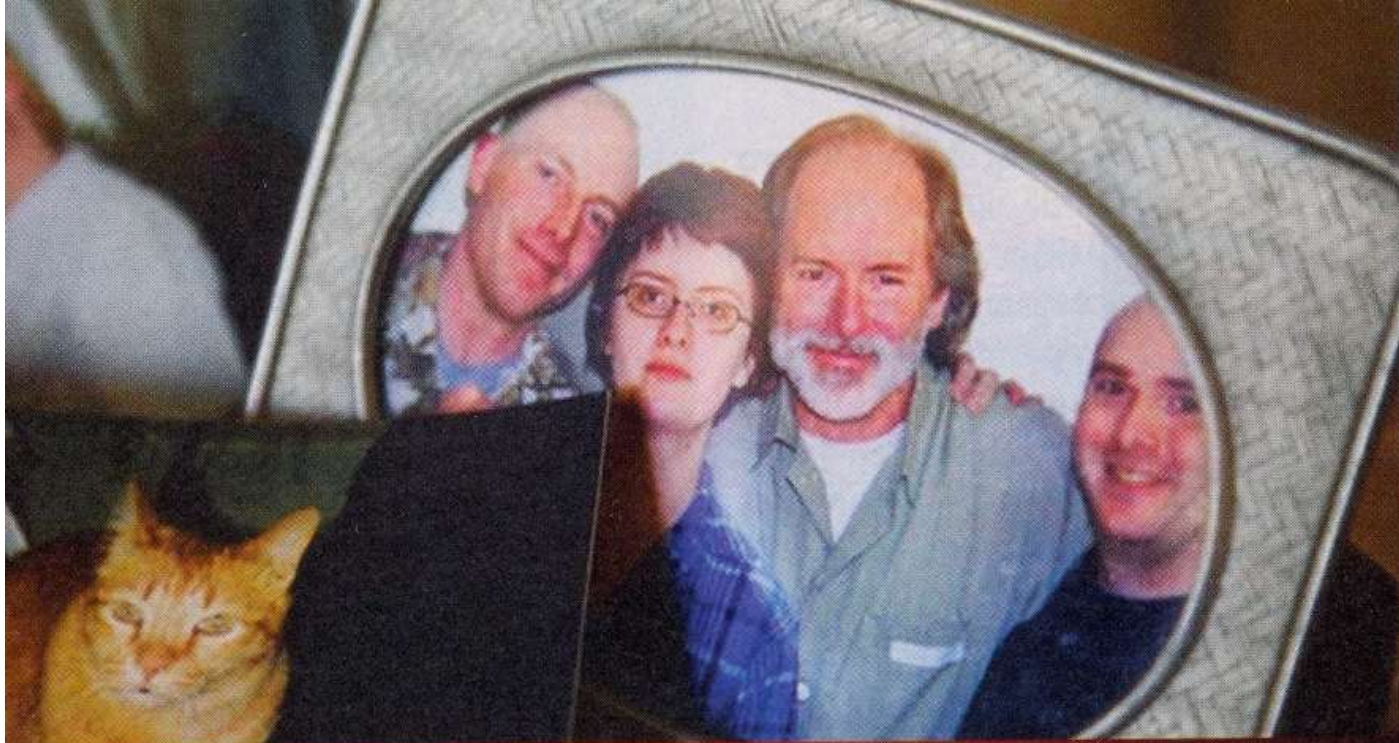
- É uma longa história - disse Nathan. E explicou que transportara informações e fora pago por isso.

Star quis saber quem recebera as informações.

- Bom - disse Nathan, temendo as palavras a seguir. - Foram os russos.

- Cara!





**Entre as fotos na mesinha de Nathan, há uma dele com os irmãos e o pai, tirada durante uma visita à penitenciária federal de Sheridan, no Oregon.**

Então Nathan disse a Star que não se preocupasse, que não fizera nada ilegal. Também lhe revelou que os milhares de dólares que ela e Jeremi tinham recebido nos dois últimos anos não tinham vindo do sucesso súbito das vendas de artesanato do avô, como lhes contara.

– Era você? – perguntou ela.

– Era.

– Você não devia fazer isso – disse Star. Não que ela não gostasse do dinheiro, explicou ao irmão. – Mas, sabe, é meio parecido com o que o papai fez.

Depois da confissão ao FBI, Nathan Nicholson passou seis semanas dormindo no chão para se punir pela complicação que causara. “Imaginava o meu pai numa cela de concreto, sendo muito maltratado”, recorda. “Sentia-me igualmente responsável pelo que acontecera e não achava justo que eu não fosse castigado.”

Em 28 de janeiro de 2009, o castigo veio com força total.

Naquela quarta-feira cinzenta e com fortes ventos, Nathan cochilava no chão do apartamento em Eugene quando dois agentes do FBI bateram à porta. Logo reconheceu Jared Garth, um dos agentes que o haviam interrogado da primeira vez. Sabia por que estavam ali.

Garth algemou Nathan e o pôs na traseira do seu Ford Crown Victoria para a viagem de duas horas até as celas do Centro Judiciário, em Portland. Lembrou a Nathan que o pai vendera o país aos russos e depois organizara a trama para passar novas mensagens a Moscou. Disse que Jim usara sobre o próprio filho seu poder de manipulação aprimorado na CIA. E que já era hora de Nathan ser independente.

Nathan chorou.

Passara mais da metade da vida visitando o pai atrás das grades. Logo seria ele quem cairia no ritmo familiar do confinamento, as horas marcadas pelo movimento dos carrinhos de comida, pelo brilho das lâmpadas fluorescen-

tes, que aumentava e diminuía, e pelo murmúrio incessante de vozes masculinas. Aproximadamente na mesma época, após pouco mais de um mês no “buraco”, Jim pediu para falar com Jensen. Disse que queria proteger o filho de acusações criminais. Os promotores não se interessaram. Acusaram pai e filho de lavagem de dinheiro, de serem agentes de um governo estrangeiro e de conspiração. Bastava a acusação de lavagem de dinheiro para receberem uma pena de 20 anos de prisão.

Depois de mais de dois meses preso, Nathan foi levado para aguardar o julgamento. Concluía que a melhor tática para ficar fora da cadeia era se declarar culpado e cooperar com o governo. Naquele outono, Nathan se reuniu com os promotores e os agentes do FBI e deu mais detalhes sobre seus dois anos “de estrada”. A cada revelação, sentia que enfiava uma faca nas costas do pai.

Por um lado, os agentes federais lhe diziam que Jim o manipulara; por outro, adorava o pai, cuja trama parecia criada para ajudar a família. Proibido de se comunicar com Jim, Nathan preparou-se para o banco das testemunhas.

“Em essência, eu tinha de crucificá-lo”, recorda.

**No outono passado**, quando se encontrou com um promotor, Nathan começou a entender como entrara fundo no jogo da espionagem global.

George era o codinome de Vasiliy V. Fedotov, general aposentado da KGB que já chefiara a iniciativa de Moscou de se infiltrar no sistema de informações dos Estados Unidos. Na guerra

fria, ao ser lotado em Washington, ele representou ameaça tão grande à segurança nacional que os Estados Unidos o expulsaram do país.

O SVR, serviço de informações estrangeiras da Rússia, contratou Fedotov para descobrir se, em meados da década de 1990, alguém dentro das próprias fileiras tinha informado o governo americano da existência de um traidor dentro da CIA que vendia segredos à Rússia. Esse traidor era Jim Nicholson.

**Enquanto Nathan** se preparava para o julgamento, Jim e o advogado Samuel C. Kauffman desenvolveram uma ousada tática de defesa. Nos documentos judiciais prejulgamento, o advogado admitiu que o cliente pedira auxílio financeiro à Rússia, mas que não era ilegal pedir dinheiro a Moscou, nem mesmo para quem fora condenado por espionar para a Rússia.

No entanto, em particular Kauffman diz que Jim tinha muito receio de fazer Nathan passar por um enfrentamento no tribunal. “Em última análise, ele não conseguiu ir em frente.”

Em novembro último, Jim decidiu se declarar culpado em troca de oito anos. Com a redução da pena por bom comportamento, sairia da penitenciária com setenta e poucos anos. Nathan ficou felicíssimo porque um dia veria o pai fora dos muros da prisão.

Na manhã de 7 de dezembro, Nathan, nervoso, levantou-se diante da juíza Anna J. Brown para ouvir a sentença. A juíza folheou os documentos e observou que Nathan cumprira todas as obrigações para com o governo.

Concordou com os advogados de ambos os lados que os 72 dias que passara preso eram suficientes: “A pena de prisão”, disse ela, “não é necessária.”

A juíza o condenou a cinco anos de liberdade condicional e cem horas de serviço comunitário.

**Um mês depois**, no julgamento de Jim, a juíza Brown lhe deu a oportunidade de dizer algumas palavras: “Meritíssima, na vida passei por vários golpes, uma revolução e uma guerra. Uma organização terrorista estrangeira me designou para ser assassinado, fui caçado por homens armados no Sudeste Asiático e preso neste país. Passei por um divórcio sofrido e por uma batalha pela guarda dos filhos. Mas o pior dia foi aquele em que soube que o meu filho mais novo fora preso e acusado de atos pelos quais sou responsável.”

Jim disse que vira de longe os filhos lutarem para sobreviver. Pedira ajuda à única fonte em que conseguira pensar: a Rússia.

“E, na medida em que, na verdade, a iniciativa era para ajudar os meus filhos”, prosseguiu, “me arrependo da vergonha que isso também lhes causou.”

Jim pediu aos filhos que o perdoassem e descreveu o esforço de Nathan como altruísta.

“Amo-o muito”, disse. “Orgulho-me dele mais do que tudo. Nunca me faltou, nunca abandonou a família. O fracasso foi somente meu.”

Nathan chorava baixinho enquanto a juíza fitava seu pai.

“Hoje, aqui, ele fez uma declaração eloquente à família, aos filhos”, disse

ela. “No entanto, nas suas observações é notável a ausência de algum indício de remorso pela conduta criminosa contra os Estados Unidos e os seus interesses. O que chama de ajuda prévia à Federação Russa era espionagem criminosa.”

Jared Garth, que estava no tribunal para ouvir a sentença, espantou-se ao ver Jim defender os russos e não os Estados Unidos. E compreendeu: “Por que ele pediria desculpas aos Estados Unidos? Era leal à Federação Russa.”

Hoje, Jim está numa penitenciária de segurança média em Terre Haute, no Estado de Indiana. Ele e o filho não podem mais conversar nem trocar correspondência sem aprovação do supervisor de liberdade condicional de Nathan.

Numa tarde recente em Corvallis, onde estuda ciência da computação na Universidade do Estado do Oregon, Nathan pensou numa pergunta que faria ao pai se pudessem se encontrar: ao tentar ajudar os filhos, Jim levava em conta os riscos?

“Acho que acabamos prejudicando mais a família”, admite Nathan.

E o país: Nathan o traiu?

“Sem dúvida”, responde ele.

A data prevista para a libertação do pai é 27 de junho de 2024, cerca de um mês antes do 40º aniversário de Nathan. Até lá, o filho de Jim espera estar casado e com três filhos.

Sobre o pai, dirá a eles que é um homem amoroso que cometeu erros e por causa disso sofreu terrivelmente.

“Ele era o meu herói”, diz Nathan sem hesitar. “E ainda é.” ■